

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v19i37.23904>

## “FURO SENSACIONAL!”: A ESCRITA DA HISTÓRIA DE MELCHIADES DA ROCHA EM “*BANDOLEIRO DAS CATINGAS*”

**Vagner Silva Ramos Filho**

Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

E-mail: [vagner\\_amosf@hotmail.com](mailto:vagner_amosf@hotmail.com) <https://orcid.org/0000-0002-1268-7079>

### Resumo

O repórter Melchiades da Rocha ganhou notoriedade nacional por ter feito uma das principais coberturas da morte do famoso cangaceiro Lampião a serviço do periódico “A Noite Ilustrada”. O objetivo desse artigo é fazer uma reflexão sobre a construção de sua escrita da história do cangaço no livro “Bandoleiro das Catingas”, lançado em 1942, como extensão do seu trabalho de reportagem da época. Diante desse cenário, observo algumas condições de sua produção, a narrativa construída e determinados traços de sua recepção. Faço isso a partir de discussões alinhadas à prática da história da historiografia atenta às formas populares de escrita. O debate sobre sua forma de escrita, produzido a partir de lógicas da imprensa interessada em atingir público não especializado, auxilia a entender um modo narrativo que se tornou muito apreciado em torno do assunto.

**Palavras-chave:** Escrita da história; Sertões; Cangaço.

## “SENSATIONAL SCOOP!”: THE HISTORICAL WRITING OF MELCHIADES DA ROCHA IN *BANDOLEIRO DAS CATINGAS*

### Abstract:

The journalist Melchiades da Rocha gained national recognition for his coverage of the death of the famous *cangaceiro* Lampião while working for the periodical *A Noite Ilustrada*. This article reflects on the construction of his historical writing about the *cangaço* in the book *Bandoleiro das Catingas*, published in 1942, conceived as an extension of his earlier reporting. The study examines the conditions of production, the narrative strategies employed, and certain aspects of the book’s reception. It does so within a historiographical framework attentive to popular forms of historical writing. By addressing the narrative style shaped by journalistic logics aimed at a non-specialized readership, the article seeks to illuminate a mode of storytelling that became widely appreciated in representations of the *cangaço*.

**Keywords:** Historical writing; Backlands; Cangaço.

Processamento textual: Recebido em 2025-10-20 Revisado em 2025-11-17 Aprovado em 2025-01-12

## Introdução

No começo dos anos 1940, Melchiades da Rocha, que havia participado da cobertura de “furos sensacionais” da morte de Lampião a serviço do periódico “A Noite Ilustrada”, publica o livro “Bandoleiro das Catingas”, como extensão de antigo trabalho. Em narrativa que tenta compensar o estrago que a imagem de bandido causava em sua terra natal, como se fosse uma “praga nordestina”, relata como um ambiente de paz poderia formar “obreiros do progresso nordestino” (Rocha, 1988, p. 162). Tratava-se de descrições que, formuladas em interação com determinadas testemunhas, buscava qualificar sua escrita em meio aos discursos do evento. Em detrimento da fraqueza dos restos mortais de cangaceiros, privilegia olhar para uma fortaleza sertaneja capaz de construir “titãs”.

O passado do cangaço remete a forma de vida fora da lei dos sertões do Nordeste brasileiro vivenciado entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como o cangaceiro Lampião, é considerado o “Rei do Cangaço”. Lampião nasceu no sítio de Passagem das Pedras, atual município de Serra Talhada, estado de Pernambuco, em 1897, e morreu na Grota de Angico, município de Poço Redondo, estado de Sergipe, em 1938. O período em que atuou como líder principal, nos anos 1920 e 1930, até sua morte, é chamado de “Ciclo Lampiônico”. O fim do cangaceiro foi simbolizado pela decapitação de sua cabeça e de parte do seu bando em Angico. Sobre o tema, há uma imensa bibliografia (Wiesebron, 1996). Aqui, o interesse é apenas historicizar algumas de suas representações forjadas no período da morte.

Nesse debate, em que a invenção de imagens nordestinas não pode ser deixada à margem (Albuquerque Jr, 2011), nota-se como “à medida que se discutia publicamente as causas do cangaço, elaborava-se, ao mesmo tempo, um conjunto de representações para o sertão, para os sertanejos e para os nordestinos” (Clemente, 2013, p. 100). No período, havia uma tendência de abordagem racialista calcada na diferenciação do meio e da raça que prevalecia na formação de ideias de Nordeste como espaço “atrasado, primitivo e rústico” (Albuquerque Jr, 2011). Para compensar esse desgaste de nascente figuração nordestina, alguns intelectuais procuraram abordá-la enfatizando aspectos sociais e culturais. Daí passavam, por vezes, a inculcar certos

valores folclóricos em torno do cangaço tomados como representativos da “alma sertaneja”, a exemplo do instinto animal, que seria motor da bravura, da macheza e da valentia (Ramos Filho, 2018 e 2025).

A escrita de Melchiades da Rocha parecia estar sob o influxo tanto de uma repressão às causas do cangaço quanto de admiração por alguns valores que carregaria. Investigá-la permite “ultrapassar a concentração quase exclusiva da história da historiografia em textos canônicos e disciplinares, deslocando o interesse para outras formas de produção, apresentação, circulação e consumo da história” (Araujo, 2019, p. 138). No caso, uma produção muito atrelada à lógica da imprensa com forma popular de escrita atenta ao público não especializado. O “popular não está sendo aqui utilizado como categoria de recorte socioeconômico, mas como oposto ao universo disciplinar” (Araujo, 2019, p. 138). Um olhar importante quando se investigam linguagens escritas que dão a ver sentidos de histórias dos sertões (Araujo Sá; Rodríguez; Ramos Filho, 2024)

Como toda escrita que se propõe a ser histórica se “articula a um lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (Certeau, 1982, p. 65), convém notar que a forma de produção está circunscrita por determinações próprias. A narrativa de Melchiades, como qualquer outra, está “submetida a imposições, ligada a privilégios e enraizada em uma particularidade” (Certeau, 1982, p. 65). Para historicizá-la, busco, na sequência, refletir sobre as condições de possibilidade da sua escrita; observar o texto que constrói atentando especialmente aos sentidos que atribui ao sertão, ao cangaço e a Lampião; e indagar alguns traços de recepção na época. Com esse percurso, tento não só explicar singularidades do seu modo narrativo, mas elucidar minimamente porque essa forma popular de escrita passou a ser tão apreciada por diferentes pessoas.

### **A figura do repórter investigador, Melchiades da Rocha e “o maior furo de todos os tempos”**

Melchiades da Rocha era um repórter alagoano que trabalhava no Rio de Janeiro há alguns anos. Sua escrita sobre o cangaço surge, portanto, da sua trajetória na imprensa, especialmente no Jornal “A Noite”. A revista de variedades “A Noite Ilustrada”, uma de suas publicações “irmãs”, foi o periódico para qual o repórter escreveu a reportagem que dava conta da morte de

Lampião. É em função largamente deste lugar que se “instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam” (Certeau, 1982, p. 66). Todavia, como “fazer história” é uma prática”, torna-se fundamental notar suas singularidades em relação ao lugar que tanto o possibilita quanto o limita, pois é nesta fronteira mutável entre “modelos e desvios” que produz.

Na cultura política nacional, os modos de descrever passados da terra sertaneja nordestina nos anos 1930 e 1940 são largamente pautados no debate público por alguns periódicos. Entender seus lugares, de seus repórteres e sua escrita, como a do “Noite Ilustrada”, é fundamental nessa arena de discussões. Em tempos de expansão de autoritarismos, nacionalismos e anticomunismos, muito da sua forma de exposição estava alinhada à exaltação da disciplina, do militarismo, do nacionalismo, das tradições, das conquistas brasileiras e dos “grandes homens” (Bulhões, 2017). Isso produziu “moldura de estruturas fixas, mas conteúdos extensíveis ao infinito, com ícones e figuras simbólicas abertas à espetacularização das emoções e dos exemplos pessoais” (Kalifa, 2021, p. 25) ao retratar cenas do país. Nas descrições de Brasil, essa prática escrita tematizou alguns pontos de contrastes entre o que era Brasil dito arcaico e o moderno.

Correntemente, a “busca de exemplos morais edificantes para um presente ordenado e a compreensão das condições pretéritas da nacionalidade tinha em vista a sua modernização, sua inserção na realidade contemporânea para a projeção de um futuro” (Abreu, 2013, p. 3). Essas revistas tinham atenção ao universo das variedades que caracterizava as publicações ilustradas da época, mas, é preciso considerar igualmente tinham consumo por “leitores educados e conservadores interessados em política, história, economia, artes visuais e outros temas” (Abreu, 2013, p. 4). A exibição de “misérias”, “vítimas” e “debilidades” do sertão nordestino era uma forma de justificar a busca de modernização ao público.

Nessas circunstâncias, interesse notar como a figura do “jornalista coloca a si mesmo em cena, assim como as condições, sempre difíceis, do seu trabalho. A atividade aparece aí como uma provação, um engajamento físico, uma prática sempre rodeada de adversidades, heroicizando o repórter” (Kalifa, 2021, p. 26). “Resulta daí uma poética da façanha, que insiste na pessoa do narrador, um ‘eu’ que se impõe”, em meio ao cenário, reforçando o desejo de desvelar, de tornar público e às vezes até denunciar, como gestos vistos enquanto “utilidade social e missão cívica da reportagem” (Kalifa, 2021).

Um destes narradores foi justamente Melchiades da Rocha. Dentre algumas de suas singularidades, é possível assinalar que contribuiu para “impor a figura do repórter investigador, competindo com a polícia através de investigações pessoais independentes” (Kalifa, 2021). Em sintonia, foi um dos tipos que explorou o crime em várias formas, escrevendo livro que recicla e prolonga seu trabalho de jornalista que acompanhou o fim do cangaço. Se o crime tem lugar de honra na imprensa sensacionalista, este prolongamento do trabalho o auxiliava a “construir uma carreira, galgar os degraus, receber seus louros” (Kalifa, 2021, p. 20). Sobre a transposição da reportagem para um livro com sua autoria, comenta:

Como repórter desse vespertino carioca, coube-me, então, a dura tarefa de ir colher no teatro das referidas ocorrências, naquelas paragens escaldantes do Nordeste, as notas que, acrescidas das dos nossos correspondentes locais, constituíram o todo da empolgante e vastíssima reportagem de repercussão estrondosa no país e além das suas fronteiras. (...) A reportagem, efêmera como a vida fugaz das folhas diárias, uma vez condensada, corporificada num livro, além de adquirir, destarte, maior vitalidade, torna-se, ao mesmo passo, de mais interesse para a curiosidade do público, e, para os estudiosos, mais acessível e, por vezes, até utilíssimo (Rocha, 1988, p. 15).

A figura de Melchiades encarna o perfil de repórter, que, muito embalado pela literatura de crime da época, acabou encarnando a imagem de um “aventureiro moderno” na busca desses rastros (Kalifa, 2019). Sua prática é a do “o repórter que deve explicitar ao leitor como chegou ao fato. Não raro, o caminho até a notícia é narrado pleno de aventuras, obstáculos e desafios; e é na astúcia do repórter heroico que reside a vitória” (Souza, 2010, p. 78). Como jornalista, uma das suas especialidades era o crime e dizia estar “acostumado a lidar com toda sorte de cadáveres, podres uns e mutilados outros, o que é comum na reportagem policial dos grandes centros” (Rocha, 1998, p. 26).

O repórter foi alguém que tomou para si missão de utilidade social, sobretudo no sertão, a favor da modernização, como um serviço que se presta por ter vindo também dessas localidades. Não à toa, a revista fala em “serviço dos enviados especiais de ‘A Noite Ilustrada’”, ‘o sensacional acontecimento do sertão alagoano por todas as suas faces mais empolgantes’” (Corisco, 1938). Em outras, continua ao falar em “página de emoção à margem da tragédia” (Noite, 1938, p. 4). O livro é o local que pode detalhar mais sua vivência, destacando sua participação como alguém central na cobertura da morte de Lampião como aquilo que descreveu como “maior ‘furo’ da reportagem de todos os tempos” (Rocha, 1988, p. 20).

Nessa perspectiva, Melchiades foi um sujeito com lugar estratégico diante dos debates nesses anos. Sua vivência profissional, como alguém “especializado em atingir público não especializado” (Gomes; Hansen, 2016), desemboca em uma forma de escrita popular com memorialismo jornalístico que promove uma intervenção na sua área e na sociedade. O fato de ser da região que cobria combinado a sua especialização em reportagem de crime na revista e a interação com testemunhas do episódio foi central nas intervenções que fazia nas camadas do dizível e indizível sobre o tema na época.

### A escrita da história em “Bandoleiro das catingas”

A análise do livro “Bandoleiro das catingas”, publicado em 1942 por Melchiades da Rocha, auxilia a elucidar melhor seu modo de descrever o tema no período. Por essa vereda, a “representação – *mise en scène* literária – não é "histórica" senão quando articulada com um lugar social da operação científica e quando institucional e tecnicamente ligada a uma prática do desvio” (Certeau, 1982, p. 92), com relação a determinados modelos. Os significados que atribui em texto à produção do livro, aos sertões, ao cangaço, ao Lampião e ao que representa em termos simbólicos são rastros do seu lugar, da sua prática e de uma forma de escrita muito apreciada por público não especializado convidado a acompanhar sua aventura.

O livro é realizado em um contexto no qual a figura do jornalista, em confronto a posições por vezes de descrédito do repórter criminalista no seu meio, “clama alto e forte sua independência e sua missão a serviço da opinião pública” (Kalifa, 2021, p. 27). No percurso da reportagem que origina o livro, diz que, após acompanhar e exibição das cabeças decepadas de cangaceiros em praça pública, voltou a sua “principal missão”. Sinaliza ter entrado em “pleno contato com a tropa, pois, até então, havia tido, apenas, uma ligeira palestra com ela, troca de cumprimentos e apresentações” (Rocha, 1988, p. 27). Dizia ser ele o “primeiro repórter que entrevistaria o Tenente João Bezerra, após o seu sensacional feito na fazenda de Angicos” (Rocha, 1988, p. 27). Sua pretensão é, no entanto, maior. Além de se posicionar como alguém que viu e faz ver os outros, ele parece querer virar uma própria testemunha. Neste sentido, o motivo do livro é significativo:

(...) como diz a sabedoria popular, não há livro totalmente mau. Há sempre nele, por pior que seja, algo aproveitável. (...) É o que aqui me esforço por fazer, revivendo, nestas pobres páginas, a reportagem em torno da matança de

Angicos. E valendo-me, para tanto, do que vi, dos meus conhecimentos próprios sobre o Nordeste – pois nasci nas terras calcinadas das catingas, onde, menino, me extasiei, muitas vezes, com os paramentos dos cangaceiros e o espetacular aparato das tropas volantes, - e ainda dos conceitos, das sentenças de competentes intelectuais patricios, aos quais rendo, aqui, as minhas homenagens, escrevi este livro (...) (Rocha, 1988, p. 15-16).

O comentário indica sua contribuição para além do que estava na reportagem. Diz apresentar um escrito que relaciona o que viu, os conhecimentos que possuía dos lugares onde esteve e a expertise de intelectuais que leu, especialmente Gustavo Barroso, que é central em seu argumento. Não por acaso, procura narrar sua aventura investigativa com ressalva constante à sua interação com muitas testemunhas, busca tecer explicações sociológicas usando argumentos de intelectuais de renome no assunto sobre pontos cruciais e mostrar outros adendos como cartas, poemas e gestas ao gosto dos procedimentos do folclore. A junção desses elementos é uma forma de qualificar seu relato. Nesse itinerário, ressalta conhecer a etimologia de sertão, que seria a “corruptela do aumentativo ‘desertão’” (Rocha, 1988, p. 111). Em seguida, comenta:

Numa terra pobre, esquecida, onde o indivíduo já nasce lutando contra os rigores do infortúnio, relegado à fome, ao analfabetismo, à verminose, que são os seus mais cruéis inimigos, só há vida porque há o desejo de viver! E é apenas esse desejo que faz o homem do sertão sobreviver e vegetar... É de aço ou não é, fibra do sertanejo nordestino? Quem conhece as catingas deve saber muito bem o que são e de quanto são capazes os sertanejos. São eles, antes de tudo, homens de trabalho. Mas, se o trabalho ali não os ajuda? Se seus esforços são constantemente baldados? Que fazer, pois? Ah! aí está uma dolorosa interrogação! E é daí, muitas vezes, que nasce a revolta, o desespero. E o homem desesperado, em tais casos, já é um candidato aos desastros (Rocha, 1988, p. 112).

Em sua narrativa há um peso do fator “meio” sobre o “homem”. Não deixa de indicar, contudo, que o “homem” tem agência sobre o meio, especialmente o “sertanejo”. No seu entendimento, o problema é a falta de trabalho para domar sua energia e causas sociais para orientá-la melhor. Assim, diz que a “vítima de uma injustiça hoje e de outro amanhã, lá vem um dia em que ele, de injustiçado se transforma em justiçador... De bom, humilde, trabalhador, de repente aquele homem se transvia, tornando-se profissional do crime”. (...) (Rocha, 1988, p. 112). Com isso, espacializa o sertão como um território sujeito ao crime, pois, “depois disso”, os ‘lampiões’ se acendem, os ‘coriscos’ cortam o céu! E a polícia entra em ação. Morrem cangaceiros. Morrem soldados. Pega fogo e despovoa-se o sertão!” (Rocha, 1988, p. 113).

Nesse percurso, o repórter cita causas como “analfabetismo, ausência de justiça, falta de

trabalho, exiguidade de salários e politicagem. Mas, também, os “remédios”, como o combate a “miséria que se encontram sempre nas plataformas de todos os nossos governadores”. Em sua visão, medidas efetivas para o combate entraram em curso, “felizmente”, com o “advento do Estado Novo”, personificado na “figura empolgante e inconfundível do grande Presidente Getúlio Vargas” (Rocha, 1988, p. 113). Sua fala sobre o cangaço ressalta também esse “meio”, além de outros pontos:

(...) O cangaceiro é, antes de tudo, uma vítima do próprio meio atrasado em que nasceu e se criou. A falta de instrução, a pobreza, a carência de alimentos, pois as secas são frequentes e devastadoras no seu habitat, as perseguições políticas e a falta de justiça, grandes flagelos do sertão, entregue, assim, à sua própria sorte, são os fatores da terrível praga nordestina, que tem ainda a alimentá-la, a estimulá-la, a perversidade dos maus e o fanatismo religioso, como no caso de Canudos”. (...) “O cangaceiro, que é um criminoso regenerável, age sempre impelido por causas alheias à sua vontade, causas essas que podem e devem ser neutralizadas (Rocha, 1988, p. 107).

Essa fala remete à leitura de que “cangaço, para o cangaceiro, é uma profissão como outra qualquer. Um meio de vida, na falta de outro, que se tornou inevitável por esta ou aquela circunstância” (Rocha, 1988, p. 107). Melchiades ressalta que “estes, que podem ser homens instruídos, agem conscientemente, e seu objetivo, na maioria dos casos, é o interesse pecuniário, a riqueza enfim, venha isso seja lá de que maneira for e custe o sacrifício que custar às suas vítimas” (...) (Rocha, 1988, p. 106). Apesar de construir ao longo do livro uma visão mais abrangida sobre o combate ao fenômeno, já que o cangaço havia acabado quando escreve o livro, autor transparece muito dos discursos racialistas que fomentaram justificativa para seu extermínio. Sua questão, contudo, incide mais sobre o “meio atrasado” e para as “pragas nordestinas” que surgiram dele, não com intuito de estigmatizar sua terra natal, mas enfatizar que isto poderia ser regenerado. Sua visão sobre Lampião colabora para continuar refletindo sobre tais aspectos:

Quanto a mim, penso que o Rei do Cangaço foi, de início, apenas um criminoso ocasional. Depois seguiu-se o resto. Diz uma sentença antiga, muito sábia, que o uso do cachimbo faz a boca torta. Não me conformo com a categoria de criminosos natos, visto como nunca pude compreender que alguém já nascesse destinado a delinquir. Que os criminosos sejam classificados de ocasionais, habituais, passionais ou loucos, está certo, pois os há sem abundância neste mundo de meu Deus. Não tenho dúvida de que os indivíduos possam acarretar com as taras dos seus ascendentes; tais anomalias, porém, poderão ser, em tempo, neutralizadas, dependendo disso da eficiência de tratamento adequado e dos cuidados da educação (Rocha, 1988, p. 50).

A descrição de Lampião difere da noção de “criminoso nato”. A morte do cangaceiro certamente foi um fator decisivo para esse veredito que também circulava na imprensa. É notório como a questão racialista é presente, pois comenta em “anomalias” vindas de ascendentes, mas que com o tempo podiam ter sido “neutralizadas”. A recorrência no argumento nessa temporalização do assunto indica o empenho em extrair lição moral de alguém que podia ser visto como um “grande homem”, bem ao gosto do nacionalismo da cultura escrita em que estava ambientado. Em dado momento, diz: “um gênio, sim, embora a serviço do mal, mas que poderia ter sido aproveitado a serviço do bem, se houvesse sido iluminado pelas luzes da ciência, da educação cristã” (Rocha, 1988, p. 112). Para reforçar a visão, cita que “Virgulino foi detestado, é verdade, mas também foi querido e admirado como o foram outros criminosos que a história registra, entre os quais Romanetti e Robin Hood” (Rocha, 1988, p. 121). Nesse caminho, aponta:

Que o bravo, inteligente e forte mestiço das catingas possa viver e produzir, com o auxílio integral e contínuo do governo, sob a proteção fecunda das leis, com a consciência do verdadeiro cumprimento do dever. Que sejam integradas aquelas populações genuinamente brasileiras, aqueles ‘singulares desconhecidos ali abandonados há três séculos’, na comunidade nacional, na vida, no progresso do Brasil. E, não tenho dúvidas, brilhante civilização florescerá naquelas imensas regiões de vaqueiros intrépidos e cantadores famosos, naquelas terras ferazes e hospitaleiras, onde um tipo exponencial da resistência da raça transmudou-se, por culpa dos homens, no símbolo do cangaceirismo, na figura sinistra desse titã que foi Virgulino Ferreira – o Lampião” (Rocha, 1988, p. 167).

Com o extermínio da “praga” do cangaço, reelabora-se o racialismo que outrora foi aplicado a situação, dando vazão a um sensacionalismo com toques de folclore. O jornalista mostra como um “mestiço das catingas” pode, se tiver um “auxílio integral e contínuo do governo”, contribuir com o ‘progresso do Brasil’. Assim, aqueles tipos regionais valentes seriam domados para que caíssem no cangaceirismo. Sobre alguns temas mais sensíveis, como o da fraqueza dos restos mortais, critica a brutalidade que teria acometido essas pessoas foras da lei, mas sua maior atenção se volta a outro ponto. Sua preocupação principal parece ser mais dizer que, se existir paz na catinga, a fortaleza sertaneja aos moldes do conceito euclidiano “fará dos titãs sertanejos incansáveis e vitoriosos obreiros do progresso nordestino” (Rocha, 1988, p. 162). No grau de testemunha, o repórter faz um movimento de colocar a si mesmo como um desses obreiros que o sertão tanto precisa.

### **“Transpor limites da reportagem”, “documento sobre o sertão” e uma fortaleza sertaneja em cena**

O livro de Melchiades da Rocha não teria circulado tanto se não tivesse tido uma validação pelo público. Quando se trata de formas populares de escrita, é fundamental perceber que as “condições de legitimidade para esse discurso não se resumem apenas ao cumprimento adequado dos protocolos de pesquisa e de exposição que são assumidos” (Nicolazzi, 2019, p. 207) pelo historiador disciplinado. Em sua validação, conta, de forma decisiva, o papel “desempenhado pelo público-receptor de tais discursos, ou seja, pelos seus leitores, ouvintes ou espectadores” (Nicolazzi, 2019, p. 207). Isso não o isenta de ter que buscar um reconhecimento no universo especializado. Chamo atenção apenas que o critério de ser bem recebido pelo público pode implicar, por vezes, em uma validação de especialistas, ainda que não em termos científicos, como um bom documento sobre o assunto.

Mais uma vez, é preciso situar o lugar que o repórter ocupava em periódicos da época, como no “A Noite Ilustrada”, se quisermos compreender alguns motivos que explicam aceitações mais ampliadas de sua narrativa. Esse foi um dos periódicos que produziu molduras de abordagem de espetacularizações de emoções em torno de exemplos pessoais dos grandes homens. Os escritos sobre crimes na virada dos anos 1930 para os anos 1950, como o efetivado por Mechiades, eram balizados por tais lógicas. Nesse momento, o ato de expandir sua reportagem sobre o extermínio de cangaceiros, tomado como uma vitória do progresso, em um livro que prolonga a abordagem buscando apontar que se esses sertanejos tivessem orientações anteriores podiam ter contribuído nesse progressismo, é significativo. Ao lapidar este “furo sensacional”, mostrava como “sair do porão do jornalismo para impor uma nova figura a serviço do público” (Kalifa, 2021, p. 24).

Nas descrições de Brasil da época, que privilegiavam exemplos morais edificantes para um presente ordenado e a compreensão do passado da nacionalidade tendo em vista a sua modernização, o interior era problema com exibição de “misérias”, “vítimas” e “debilidades” em tom muitas vezes racista. Alguns jornalistas alinhados ao sensacional construíram espaço no debate para visão mais folclorizada do tipo regional. A forma como Melchiades lida com esse grande crime sertanejo, em interação com testemunhos, elucida isso. Aliás, pergunta-se: “Quem sabe se em algum dia futuro Virgulino Ferreira não virá a ter uma estátua lá no meio das catingas, onde nasceu, viveu e reinou, ou mesmo numa das nossas praças públicas?” Sobre

isso, comenta que “seria um absurdo, sim, mas se se tratasse de uma homenagem ao crime, o que seria altamente repudiável.” Em se tratando, porém, de um preito à bravura, à tenacidade, à audácia, à fortaleza dos caboclos do Nordeste, nada seria mais natural” (Rocha, 1988, p. 158).

A prática escrita de Melchiades da Rocha é pautada no que talvez entendesse como uma missão cívica. Diante da demanda de exaltação da ordem, nacionalismo e conquistas brasileiras dos “grandes homens”, oferece uma outra leitura do sertão. Busca tirar da estigmatização racial para abordar uma “reabilitação sertaneja”, em que se foca menos na “desgraça”, para iluminar caminho da “honra”. Um procedimento que agrada, pois, como se vê, os “relatos de crimes não se contentam em promover, dia após dia, a história dos indivíduos, gestos e lugares familiares” (Kalifa, 2019, p. 425). Convida leitores/as a embarcarem nessa aventura com sua condução.

Com esse procedimento, os relatos disseminam um tipo de saber sobre o tema e constituem uma cultura de apreço ao modo como se narra. Melchiades foi um dos que mais personificou essa figuração do repórter como aventureiro moderno com habilidade narrativa de criar empolgação no público. Ao agir desse modo, buscava igualmente “pertencer a domínios mais valorizados em uma obstinação de querer ser um ‘homem de letras’” (KALIFA, 2019, p. 25). Para tanto, valia-se de notas em periódicos de alguns intelectuais sobre o livro. Com isso, o repórter parecia preparar ambiente para que algum intelectual de renome pudesse validar o que fazia. Sobre a obra, Gustavo Barroso disse o seguinte:

É uma belíssima reportagem, impregnada de verdade e de vida, sobre o fenômeno do cangaço, no caso específico do famoso Lampião e de seus comparsas do crime. O autor percorreu a região em que foi morto o terrível cangaceiro e entrevistou os policiais que o mataram, ilustrando as suas emocionantes páginas com documentos fotográficos de primeira ordem. Mas o atilado e culto espírito do jornalista transpôs os limites da reportagem e penetrou com viveza e sentido crítico apurado nos domínios da sociologia e do folclore. O livro vale por notável documento sobre o sertão e merece os mais calorosos elogios” (Barroso, 1942).

O intelectual, por quem Melchiades tem muita estima, é um dos mais citados no livro. Em uma das passagens, o repórter aborda-o como “notável homem de letras patricio, pena das mais fulgurantes do Brasil, autoridade nos assuntos sertanejos” (Rocha, 1998, p. 106). Com ressalvas do tipo, cria ambiente para o texto ser bem avaliado e elogiado por quem tinha imenso prestígio na área, o que somaria pontos na sua recepção para público não especializado. Barroso relata como o texto é uma mistura de reportagem jornalística, com explicação sociológica e adendos

do folclore.

Na leitura de Barroso, ficam nítidos alguns pontos de valor da reportagem, quando enfatiza que “o autor percorreu a região”, “entrevistou sujeitos” e ilustrou tudo dando a ver isso e a si para os outros. Essa certamente é uma das marcas dessa forma de escrita popular que parece o de um memorialismo jornalístico. A situação desvela a impressão de que se bem for feito, por qualquer um, poderia receber os louros, dos homens de letras e, talvez, se aproximar de ser um. Uma reputação bem-vinda para quem se aventurava por esses temas e fazia outros embarcarem nela. Assim, conferia peso ao relato que fabricava, visto que esse era um fator que o legitimava igualmente como uma testemunha qualificada em relação ao assunto “sensacional” que acompanhava no calor do momento.

O livro de Melchiades conquistou um lugar estratégico no debate desses anos. A vivência do jornalista que percorreu espaços coletando depoimentos foi um dos elementos fundamentais para a validação do seu relato como um escrito qualificado perante leitores/as especializadas ou não. Com seu relato, fabrica modos de descrever o cangaço que intervêm em camadas do dizível e do indizível sobre o assunto ao questionar uma racialização que sugeria ser esse o destino nato de alguns sertanejos ao mesmo tempo que operava uma folclorização capaz de expor uma suposta força sertaneja que lhe seria peculiar. Mesmo em reportagens que tentaram visualizar o “drama de Lampião por um ângulo diferente”, quer dizer, para além desse sensacionalismo, a figura do repórter aparecerá como “autoridade em cangaceiros” sobre a qual não seria de bom tom questionar (Carneiro, 1953).

### Considerações finais

A reflexão sobre a história que possibilita a construção de uma forma popular de escrita da história do cangaço por Melchiades da Rocha é indissociável da sua reportagem enunciada como um “furo sensacional” no debate público. Nesse artigo, busquei encarar o desafio de “compreender mais detalhadamente de que modo as tradições e os regimes de autonomia intelectual” (Araujo, 2019, p. 137) como repórter condicionaram sua escrita. Mesmo que tenha sido um repórter forjado tecnicamente para atingir público não especializado, sobretudo no âmbito de periódicos como “A Noite Ilustrada”, sua forma de escrita é popular se comparada à disciplina histórica. Foi a partir de parâmetros desse lugar que buscou relativizar imagens de

“misérias” do sertão nordestino apontando situações em que a energia sertaneja podia ser reabilitada em função do progresso que se almejava construir no período.

Em “Bandoleiro das Catingas”, o repórter constrói uma escrita que tenta relacionar o que viu no cenário de morte de Lampião, os saberes que tinha sobre essa terra e o que lia sobre ela. Nessa vereda, visualiza o sertão como território sujeito ao crime devido a fatores como “analfabetismo”, “ausência de justiça” e “falta de trabalho”, embora não deixasse de ressaltar alguns “remédios” que podiam combater a “miséria” que constatava. Por essa ótica, o cangaço, na visão do próprio cangaceiro, seria “profissão” como qualquer outra. Lampião, longe de ser simplesmente um “criminoso nato”, teria valores importantes para “grande homem”, como uma farta energia. Seria preciso, contudo, mobilizá-la a “serviço do bem”, por meio de “luzes da ciência e da educação cristã”. Com essa moldura, a energia em torno do cangaço que fora muitas vezes vista como uma “praga nordestina” ganha tonalidade de potencial para se criarem “titãs sertanejos incansáveis” para o progresso.

Embora tenha alcançado camadas da sociedade com acesso a periódicos, revistas e compêndios, o consumo da sua escrita não aparenta ter sido muito apreciado na época por portadores de interesse especializado na história disciplinar. Certamente porque a forma como mobilizava a cultura história disponível parecia estar mais preocupada em produzir uma ação social do que uma interpretação com padrões científicos. Em outras palavras, seu intuito basilar era mais o de criar um “senso de orientação da experiência” (Araujo, 2019), a fim de indicar o que fazer com um tema difícil. Em sintonia, é prudente dizer que o relato também não teria circulado tanto em outros setores se não usasse a retórica de que esteve no lugar das ocorrências que descrevia. Um procedimento que passou a ser bastante valorizado entre pessoas que escrevem, leem ou simplesmente gostam do assunto.

## Referências

ABREU, Marcelo. Imprensa ilustrada e história: a visão do passado nacional na ilustração brasileira (1935-1945). In: **XIV Jornadas Interescuelas / Departamentos de Historia**. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2 ed. São

Paulo: Cortez, 2011.

ARAÚJO, Valdei. Narrativas populares no museu universal: a experiência do tempo para além da história disciplinar. In: NICOLAZZI, Fernando; AVILA, Arthur Lima de; TURIN, Rodrigo. (Org.). **A História (in)disciplinada: Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico**. Vitória: Milfontes - SBTHH, 2019, p. 171-210.

ARAÚJO SÁ, Antônio F.; RODRÍGUEZ, Juan C. R.; RAMOS FILHO, Vagner S. (org.). **História dos sertões: linguagens entre o local e o global**. São Paulo: Dialética Editora, 2024.

NOITE Ilustrada hoje. **A Noite**, Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1938.

BARROSO, Gustavo. É uma belíssima reportagem (...). **Jornal do Commercio**, Recife, 19 de setembro de 1942.

BULHÕES, Tatiana S. Ampliando o alcance da propaganda integralista: fotografias e textos na imprensa carioca (Fon-Fon!, Diário de Notícias e a Noite Ilustrada). In: GONÇALVES, Leandro P.; SIMÕES, Renata D. **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

CARNEIRO, Luciano. Somos um povo civilizado? Enterremos Lampião. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1953. Reportagens.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CLEMENTE, Marcos Edilson De Araújo. Terra Ignota: cangaço e representações dos sertões do Nordeste brasileiro na primeira metade do século XX. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, v. 10, n. 15, 2013.

CORISCO: o feroz 'diabo louro'. **A Noite Ilustrada**, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1938.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.). **Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

KALIFA, Dominique. **A tinta e o sangue: narrativas sobre crimes e sociedade na belle époque**. São Paulo: Unesp, 2019.

KALIFA, Dominique. Jornalistas, romancistas e literatura criminal no século XIX: o exemplo de Georges Grison. In: LUSTOSA, Isabel; OLIVIERI-GODET, Rita. **Imprensa, história e literatura: o jornalista escritor**. Vol. 2: Ser ou não ser jornalista: o fim da era romântica. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa / 7 Letras, 2021.

NICOLAZZI, Fernando. Os historiadores e seus públicos: regimes historiográficos, recepção da história e história pública. **Revista História Hoje**, v. 8, p. 203-222, 2019.

RAMOS FILHO, Vagner Silva. Cangaço: um mito no "País dos Nordestinos". **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 12, n. 22, p. 145–163, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/9290/0>

RAMOS FILHO, Vagner S. **Ser tão Brasil: rastros de memórias, escritas de histórias e tempos em transe** (arquivo do CNFCP/IPHAN na era digital). 2025. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ROCHA, Melchiades da. **Bandoleiros das catingas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1942], 1988.

SOUZA, Candice Vidal. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

WIESEBRON, Marianne L. Historiografia do cangaço e estado atual da pesquisa sobre banditismo em nível nacional (Brasil) e internacional. **Ciência & Trópico**, Fundaj, Recife, v. 24, n. 2, 1996.